

A compreensão de corantes naturais a partir do exercício de uma prática curricular junto à Comunidade.

Jorge C. Messeder (PQ)*, Adriano Magalhães (IC), Leandro de Carvalho (IC), Maire C. Câmara (IC), Mônica Dias (IC), Rafael da Mata (IC).

Universidade Estácio de Sá - campus Centro IV - Av. Pres. Vargas , 2560 - CEP: 20210-031, Rio de Janeiro, RJ;

* e-mail: jorge.messeder@estacio.br

Palavras Chave: *prática curricular, corantes naturais, comunidade.*

Introdução

A formação de professores de Química tem mobilizado um número cada vez maior de pesquisadores no Brasil. Educadores em Química têm mostrado uma preocupação com o modelo tecnicista de formação docente, que concebe a prática como um mundo à parte, separado do campo teórico.¹ Muitos licenciados acham-se despreparados para a realidade das salas de aula, onde existe uma exigência na complexidade do ato pedagógico. Os professores e alunos do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estácio de Sá optaram por atividades de ensino-aprendizagem que fogem aos moldes tradicionais na formação de professores de Química do ensino médio. Nesta variação foi criada uma interdisciplinaridade, realmente aplicada, entre os conteúdos químicos e os pedagógicos. Buscou-se também contemplar a execução da prática, como componente curricular, exigida por lei aos cursos de licenciaturas.² Optou-se por temas transversais que pudessem ser desenvolvidos nas atividades de campo. Dentre as inúmeras fontes de consulta, o grupo selecionou uma abordagem de temas direcionados à Comunidade, e relacionados aos saberes populares, tão importantes na Educação Química.³ Os temas escolhidos foram: os Alimentos, a Química e a Pintura, que foram desenvolvidos e expostos de forma lúdica, a um público comum, fora do ambiente acadêmico.

Resultados e Discussão

A prática em campo foi desenvolvida no evento de ação social denominado "Estácio no Zoo".⁴ Três alunos foram devidamente personalizados como, um cozinheiro, um químico e um pintor. No início da atividade, mostrou-se que nos alimentos existem diversos corantes naturais, como por exemplo, a bixina (urucum), a clorofila (espinafre), e as antocianinas (várias frutas e legumes). As pessoas presentes queriam saber como tais corantes podem ser obtidos em uma simples cozinha. Após a explanação do "cozinheiro", o público presente, passou para um "laboratório de Química", onde puderam conhecer o processo de extração de alguns

corantes naturais, com a aparelhagem de Soxhlet. E, finalmente, na terceira

etapa do trabalho, os participantes usaram os corantes extraídos na "cozinha" e no "laboratório", em um "atelier" de pintura. Os pigmentos serviram para tingir papel e tecidos, despertando o lado criativo, até mesmo dos adultos, na chamada "arte extraída da Química". Um dos maiores resultados obtidos pelos licenciandos foi o discernimento entre a distância que existe entre a Química acadêmica e a Química presente nos saberes populares. Foi visto que os conhecimentos comuns, do dia-a-dia, não podem ser desprezados, mas pelo contrário, devem ser incorporados aos conhecimentos ministrados por educadores, sejam das áreas específicas da Química, ou das outras áreas, que compõe a estrutura curricular de um curso de formação de professores. Pode-se constatar também, através de questionários, que 94,2% dos 103 entrevistados, conseguiram associar a química dos alimentos, à prática laboratorial de extração dos corantes e à química de pigmentos naturais.

Conclusões

O grupo de alunos pesquisadores, após uma análise crítica do trabalho efetuado, passou a ter uma postura diferente com as atividades integradas à Comunidade: muitas das vezes, o professor prepara-se para ensinar, e acaba aprendendo. Viu-se que a prática de pesquisa na área da Educação Química deve sempre questionar: Qual o retorno que estamos dando à Comunidade daquilo que pesquisamos? O processo de buscar novas alternativas para ensinar determinados conteúdos, deve ser uma constante na vida do professor, independente do seu tempo de magistério.

Agradecimentos

Os autores agradecem o suporte técnico disponibilizado pela Direção do *campus* Centro IV, da UNESA, na pessoa do Sr. João Carlos Balaguer.

Sociedade Brasileira de Química (SBQ)

¹ MALDANER, O. A. *A formação inicial e continuada de professores de Química: professor/pesquisador*, Ed. UNIJUÍ, Ijuí, 2000.

²CNE. Resolução CNE/CP 2/2002. *Diário Oficial da União*, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

³CHASSOT, A. I. *Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação*, Ed. UNIJUÍ, Ijuí, 2001.

⁴<http://www.estacio.br/ptp/site/aluno/oquee.asp> (acesso em janeiro de 2006).